

A Chave do Tamanho, de Monteiro Lobato: por uma Nova Ordem Mundial

Elyne Gonçalves M. Veras
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
elyneverass@gmail.com

Resumo:

O artigo em questão versa sobre a obra *A Chave do Tamanho* de um dos mais interessantes autores brasileiros do século XX, Monteiro Lobato. A literatura exerce vários papéis relevantes ao longo da história da humanidade. No entanto, um deles é imprescindível para o entendimento e apreciação das obras de Monteiro Lobato: sistematizar a fantasia. Porém, os devaneios, os sonhos, as construções irrealis e ideológicas nunca são totalmente livres das influências da realidade. Neste livro, Emília é a portadora da passagem entre a ficção e a vida real; a boneca, com qualidades e defeitos humanos, embarca em uma missão para conter os horrores da guerra e utiliza a subversão do real para fecundar reflexões nos leitores.

Palavras-chave: Tamanho; Nova Ordem Mundial; Fantasia; Realidade; Monteiro Lobato.

Abstract:

The article in question speaks about the work “The key of size” of one the most interesting Brazilian writers of XX century, Monteiro Lobato. The Literature wields several important roles throughout the human history. However, one of them is essential to understanding and appreciation of the work of Monteiro Lobato: systematize the fantasy. However, daydreams, dreams, unreal and ideological constructions are never totally free from the influences of reality. In the book “The key of size” Emilia is the carrier of the passage between fiction and real life; the doll, with human qualities and defects, embarks on a mission to contain the horrors of war and she uses the subversion the real to fertilize reflections on the readers.

Keywords: Size; New World Order; Fantasy; Reality; Monteiro Lobato.

““Que sensação estranha!” – disse Alice; “devo estar encolhendo como um telescópio!”. E estava mesmo: agora só tinha vinte e cinco centímetros de altura e seu rosto se iluminou à ideia de que chegara ao tamanho certo para passar pela portinha e chegar àquele jardim encantador.”

Lewis Carroll. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*

Introdução

A Chave do Tamanho, livro publicado em 1942 com o subtítulo “a maior reinação do mundo”, narra a história em que Emília – a boneca de pano que, a certa altura da obra de Lobato, adquiriu (como um Pinóquio de saias) o direito à humanidade – envolve-se numa inacreditável aventura, pondo em risco não só os personagens de seu mundinho do Sítio, como toda a população da Terra. Em plena Segunda Guerra Mundial, as nações se digladiavam e as constantes notícias de baixas entre civis e militares eram manchetes dos jornais em todo o planeta. Este cenário mundial sombrio, de insegurança e medo, também refletia o clima brasileiro do Estado Novo e da ditadura instaurada por Getúlio Vargas. Em sua vida particular, Monteiro Lobato vivia momentos difíceis, com a sua prisão pela militância em favor da exploração do petróleo no Brasil; e, alguns anos antes da publicação deste livro, com o falecimento de um de seus filhos.

Essa conjuntura, aliada às qualidades intrínsecas deste homem, destacam a obra em questão como uma análise do momento histórico-social em ebulição em que se vivia nesta primeira metade do século XX. Em verdade, toda a literatura de Lobato nos conduz a reflexões sobre nós mesmos e sobre o nosso comportamento social, pois se utiliza da transposição da imaginação, do fantasioso e do irreal para dialogar de maneira lúdica com o real e nos colocar frente a frente com os dilemas da vida humana.

Elisângela da Silva Santos, em *Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação* (2011), nos dá a dimensão desse valor das obras de Lobato, logo na introdução do seu trabalho:

Vale ressaltar que acreditamos encontrar na literatura infantil do autor um pensamento social capaz de demonstrar inquietações e críticas em relação à nossa estrutura social e política. Portanto, sua obra não estaria destinada apenas à fruição do leitor – capacidade que reconhecemos existir com eficácia em seus livros –, mas, além desse primeiro aspecto aparente, destina-se também a propor uma reflexão social de forma criativa. (SANTOS; 2011: 11).

No entanto, há neste livro outros aspectos que serão abordados neste artigo, pois acreditamos que passa a existir uma Nova Ordem instaurada por Emília, quando, impulsionada pela tristeza de Dona Benta perante os horrores da Guerra, pega o “Superpó” do

Visconde de Sabugosa – uma versão mais poderosa do pó de Pirlimpimpim que estava sendo aperfeiçoada pelo cientista do Sítio –, e resolve ir até o que ela chama de a “Casa das Chaves”, a fim de fechar a “chave” que corresponderia à da Guerra.

A partir desse ponto, Lobato nos propõe algumas análises filosóficas, a partir da completa subversão de um real traumático que não deixa de existir e de ser percebido como bem presente e contemporâneo aos seus leitores. A outrora boneca é levada, na rapidez de um piscar de olhos, ao “fim do mundo”, bem em frente à tal “Casa das Chaves”. Lá ela se depara com várias chaves, todas impulsionadas para cima, sem identificação alguma. Sem saber qual deveria acionar, portanto, ela decide aplicar o método experimental e ir tentando desligar a guerra de chave em chave, agarrando uma a uma e impulsionando-as todas para baixo. Mas a primeira chave que aciona é a que regula o tamanho das criaturas humanas. Assim, a própria Emília – que conservara a sua estatura de boneca – tem seu tamanho de súbito reduzido em 40 vezes, ficando com apenas um centímetro de altura, e impossibilitada de mover qualquer outra chave.

A primeira consequência deste suposto engano da Emília é a violenta mudança de perspectiva humana sobre as coisas do mundo. A partir de agora, há uma inversão sobre aquilo é realmente importante e o que é secundário na vida em sociedade. A mudança no tamanho promoveria também uma mudança de entendimento do mundo, fora da zona de conforto, como filosofa Emília:

A situação era tão nova que as suas velhas ideias não serviam mais. Emília compreendeu um ponto que Dona Benta havia explicado, isto é, que nossas ideias são filhas de nossa experiência. Ora, a mudança do tamanho da humanidade vinha tornar as ideias tão inúteis como um tostão furado. (LOBATO; 1997, p. 13-14).

Emília no “País das Maravilhas”

A primeira descoberta é, de fato, a suspensão da guerra. Transformados em insetos descascados, os humanos haviam retornado ao estado primitivo de onde teriam levado eras para evoluir, até atingir o estado de conforto e segurança que lhes permitiu sair à caça de outros homens. Agora, estavam novamente ocupados em subsistir

aos infinitos ataques de uma natureza poderosa e novamente indomada. A natureza recupera subitamente o seu tamanho e o seu poder perante o humano, a ponto de nos interrogarmos se não teria sido ela a voltar ao seu “natural”. A arrogância antropocêntrica cai por terra quando um humano precisa fugir de um gato doméstico, maior que um dinossauro do passado.

Com o tempo, Emília vai descobrindo a dimensão de sua atitude, que comprometeu a realidade do mundo inteiro, exigindo novos e urgentes mecanismos de adaptação à nova situação de encolhimento da estatura. Há claramente significados simbólicos nesta estratégia, que podem aludir desde à valorização da sabedoria da infância (a inocência dos humanos antes da aquisição da cultura), até a condenação da arrogância civilizatória face ao poder da natureza. Thiago Alves Valente afirma, em seu artigo sobre o livro em questão:

“o “engano” de Emília, ao abaixar a chave, é simbólico, pois a ideia de “tamanho como atraso” já aparecera em obras anteriores do autor – *História das Invenções* (1935) e *A Reforma da Natureza* (1941). O que também pode ser interpretado como relacionado à valorização do universo infantil, por vezes tido como “menor” pela visão adultocêntrica, hegemônica em nosso mundo.” (in: CECCANTINI; LAJOLO, 2009, p. 457).

Existem várias nuances que aparecem lentamente na história criada por Lobato a partir da transformação dos seres humanos em seres do tamanho dos insetos. Emília segue descobrindo essas nuances, desvelando-as ao leitor. Esse desvelamento confere o tom filosófico de todo o enredo. Porque este segue, a respeito das reflexões de valores, condutas e aparelhamento instituído por seres humanos enquanto animais dominantes, reflexões estas que serão realizadas de uma forma descontraída, prática e, por vezes, cruel; porém sempre à luz da Ciência e da própria Filosofia.

Mais adiante, existem várias passagens que nos fazem repensar essa suposta desordem das coisas anteriores à mexida da chave por Emília. Uma dessas reflexões é a respeito do dinheiro, ou seja, algo que movimenta toda a humanidade na qual se separam afortunados de desprovidos numa ordem ditatorial e adversa. Porém, o papel-moeda é o que menos importaria a partir daquela aparentemente simples troca de perspectiva. Quando o Coronel Teodorico descobre que está pequenino e indefeso e que não mais ostenta em seu tamanho físico a dimensão de seu patrimônio, sua enorme fazenda, como

também se lembra de que fez empréstimos vultosos a juros, se entristece e se decepciona, com o presente e o porvir:

– Mas, como poderemos viver sem dinheiro? – disse ele. – Enquanto houver homens no mundo, haverá dinheiro. Emília teve dó daquela burrice. Mostrou que o dinheiro era umas das muitas consequências do tamanho, como tudo o mais que os homens chamavam civilização. Desaparecendo o tamanho, desapareceria o dinheiro e toda a velha civilização. Alegou que mesmo no mundo antigo muita gente já vivia sem dinheiro, como, por exemplo, o Visconde de Sabugosa, que nunca possuiu um tostão furado. Também os insetos viviam perfeitamente sem dinheiro. – Mas nós não somos insetos – protestou o Coronel ainda cheio de orgulho do tempo em que tinha um metro e oitenta de altura. – Somos menos que isso, Coronel. (LOBATO; 1997, p. 83).

Emília, a responsável pelo tamanho ínfimo atribuído a todo ser humano, está em grande desempenho neste livro. Desde o início, Lobato lhe confere a voz da indagação das coisas como são. Ela pergunta a toda hora, com direito à réplica e à tréplica, sempre motivada por um espírito inquieto e, também, desbravador. Ela quer saber, quer conhecer, quer entender como são as coisas e o porquê escondido por trás do discurso natural do adulto:

- Porque é que se diz “pôr-do-sol”, Dona Benta? – perguntou com o seu célebre ar de anjo de inocência. – Que é que o Sol põe? Algum ovo? Dona Benta percebeu que aquilo era uma pergunta-armadilha, das que forçavam certa resposta e preparavam o terreno para o famoso ‘então’ da Emília. – O sol não põe nada, bobinha. O sol põe-se a si mesmo. – Então ele é o ovo de si mesmo. Que graça! – Pôr-do-sol é o modo de dizer [...] – Estou vendo que tudo que a gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, são pequenas mentiras – e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!... Os tais poetas, por exemplo. Que é que fazem senão mentir? (LOBATO; 1997, p. 7).

A menina-boneca que mexeu na regulação do tamanho, após realizar sua maior reinação, sai à procura de outras pessoas, para saber se realmente estavam todos diminuídos em sua estatura. Afinal, como ela mesma diz no texto de Lobato, não haveria uma chave só para diminuir a Emília. Porém, enfrenta o que ela chama de “mundo biológico”, com seres altamente adaptados à natureza e ao seu tamanho pequenino. Ratifica-se, então, a ideia de que a experiência circunstancialmente é que define a força, pois Emília – e todos os outros humanos – não possuíam experiência em ser pequeninos, percebendo-se circunstancialmente fracos:

quando um horrendo monstro surgiu no terreiro: o pinto sura. “Parece incrível!” – murmurou ela. “Aquele pinto que não passava de simples pinto como todos pintos do mundo, desses que a gente chama “Quit! Quit!” ou toca com um “Chispa!” virou um verdadeiro Pássaro Roca.” Emília calculou que o pinto devia ter umas vinte vezes a sua altura, isto é, o tamanho dum avestruz de 70 metros para um homem como o coronel Teodorico. (LOBATO; 2007, p.17).

Emília se vê próxima à casa do Major Apolinário, porém o terreiro, o jardim e o pomar, que antes não representavam nenhum perigo nem obstáculo – muito pelo contrário, corria-se de um canto a outro como se não existissem vidas biológicas subsistindo entre o verde das plantas –, agora era uma ameaça intransponível. Eis uma grande mudança de perspectiva que a menina teria que enfrentar: o aumento do espaço natural. A natureza volta a se impor imensa e poderosa diante da desfaçatez e desrespeito humanos, como um castigo divino – embora Lobato não incorra jamais em aspectos religiosos. Nessa passagem do livro, ela explica a Juquinha – o garoto que perde seus pais após a diminuição do tamanho e fica órfão junto com sua irmã, aos cuidados de Emília – sobre como a notável inteligência dos humanos pode contribuir para a construção de uma nova sociedade:

– Como estes bichinhos sabem arrumar-se num mundo tão grande! – murmurou Emília – cada qual descobre um jeito. Por isso tenho tanta fé na humanidade futura, isto é, na humanidade de aqui por diante – a humanidade pequenina. Com a nossa inteligência, poderemos operar maravilhas ainda maiores que as dos insetos. – Mas eles sabem e nós não sabemos – disse Juquinha. – Também saberemos. Sabem porque foram aprendendo. Nós também aprenderemos, porque não? A professora é uma velha feroz, que não perdoa aos lerdos e preguiçosos. (LOBATO; 1997, p. 49-50).

A professora, a quem Emília se refere, é a Seleção Natural. A adaptação das espécies, segundo a Lei Darwinista, a qual comprova que o mais adaptado ao meio sobrevive. Vários conceitos emprestados da Biologia e das Ciências em geral vão reverberando pela boca de Emília – que os vivencia na prática – de forma inovadora e criativa, com a exposição do ser humano a esse mundo invisível e ignorado por muitos. A partir da camuflagem dos insetos e microorganismos, para poder vencer na corrida da vida, a boneca se aproveita e recupera o conceito de mimetismo. Observando os buracos da terra, constata que os buracos “feitos” têm dono e percebe que tem de procurar os buracos “acontecidos”,

porque esses não possuem donos e não representam ameaças. Seu conhecimento sobre os tipos de insetos e seus comportamentos mostra que o tamanho reduzido do corpo não atingira o intelecto, o aprendizado e a capacidade da mente humana criativa.

As ideias continuam a surgir e vão se aprofundando, novamente no sentido de dominar e controlar o ambiente circundante. Emília rapidamente aprende a domesticar seres mais simples e maleáveis, pondo-os a seu serviço. Logo arranja um “cavalinho-besouro” para montar e voar sobre o terreno perigoso – aproveitando-se do conceito de dirigibilidade dos balões; logo se aproveita de um ovo roubado num ninho para se alimentar com a gema e usar o material da clara como cola para sua roupa de algodão. E logo, logo, ela se aproveita de um espinho como arma... Aí reside a dificuldade desta distopia criada por Lobato, que não pressupõe que um mundo inteiramente pacífico seja jamais possível. Na verdade, ele parece defender a ideia da adaptação. Assim, pela observação, Emília descobre na prática porque os animais pequeninos têm mais de duas patas: pelo desnivelamento do terreno em que vivem e também pelos ventos, que os levariam para longe se fossem reles bípedes. Emília é uma menina-boneca muito esperta e não tem medo da sua futura adaptação à nova ordem.

Às vezes durante a narrativa, Emília se alegra ao pensar que, após o “apequenamento” das criaturas, ela teria conseguido o seu maior intento: acabar com a guerra, já que as máquinas e todas as invenções tecnológicas, como carros, tanques, aviões e navios, assim como canhões, metralhadoras e todo o arsenal bélico haviam-se tornado subitamente inúteis. Entretanto, ela não parece se dar conta do montante da humanidade imediatamente exterminado pelo encolhimento, a maioria sufocada ou aprisionada nas próprias roupas. Talvez a mortandade resultante de sua ação tenha sido mais devastadora do que a provocada pela própria guerra, mas isso não parece incomodá-la em seus passeios reflexivos. Ao encontrar o Visconde e descobrir que ele não havia sofrido alteração de tamanho por não ser humano, propõe imediatamente converter sua cartola em casa, e aproveitar-se de suas pernas para locomoção pessoal, enquanto vai dissertando a respeito do novo mundo:

– Pense bem, Visconde! A tal “civilização clássica” estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra – isto é, matar, matar, matar, destruir todas as coisas criadas pela própria civilização – as cidades, as fábricas, os navios, tudo. Pense bem, Visconde. Essa tal

civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída – e a saída que achava qual era? Suicidar-se a tiros de canhão. Ora bolas! Eu até me admiro de ver um sábio com um cartolão desse tamanho defender um mundo de ditadores, cada qual pior que o outro. (LOBATO, 2007, p. 71).

Com o acontecimento, Emília havia interrompido toda uma cronologia histórica; tornando-se agente de uma hecatombe comparável ao Dilúvio bíblico, ou ao prometido Apocalipse: uma reformulação do espaço-tempo. Ela interrompe não só a guerra, mas destrói tudo o que fora construído pela humanidade até 1942. Como discorre Thiago Valente em seu artigo:

Ao abaixar a chave do tamanho, Emília suspende o tempo histórico: afinal, todas as conquistas, descobertas e realizações humanas têm de ser reconsideradas num mundo miniaturizado. [...] de modo que a representação de vida na história não se configura mais apenas no fazer – lembrando a ideia do *fazer/produzir* incessante e característico da sociedade industrial – mas também no *contemplanar/vivenciar*. (in: CECCANTINI; LAJOLO; 2009, p. 462).

Nesta subversão da realidade, que equivale a um enredo de ficção científica, Monteiro Lobato especula sobre o futuro da humanidade e as alternativas possíveis para a sua sobrevivência – não sendo descartada a questão de um amplo extermínio da espécie para que ações de recuperação e reestruturação da vida inteligente sejam recomeçadas segundo novos parâmetros. Lobato entende o período das guerras como um permanente estado de emergência, determinado por mentes absolutistas e desarrazoadas, incontroláveis em sua capacidade de domínio. Somente o “fim do mundo” conhecido poderia trazer alguma esperança de renascimento. Assim, vemos a reestruturação de pequenos grupos sociais pacifistas e solidários, retratados num capítulo em que ele comenta a “sociedade do balde”, construída em torno deste gigantesco objeto que passa a fornecer proteção a um grupamento humano redentor e sobrevivente. Ali eles residem juntos, dividem as tarefas e se reorganizam em termos mais justos, reaprendendo que a união faz a força.

Proporcionar, através da ideia e da linguagem, a fuga da zona de conforto, do pensamento habitual e ritualizado, parece ser o seu objetivo com esta estranha história. “A obra do escritor é uma afirmação de interesse pelo ser humano”, diz Reynaldo Alvarez em um ensaio sobre o autor. Esse interesse é constatado em *A chave do tamanho*. Ao colocar em

evidência a vida biológica, suas estratégias e sua capacidade de resistência, Lobato tira o intelecto humano – e todas as suas recentes e surpreendentes criações – do centro da observação, provocando um abalo sísmico na percepção da realidade. Alberto Manguel, em *À mesa com o chapeleiro maluco* (2009), nos elucida quanto à eficácia da mudança de perspectiva para a renovação das ideias e o despertar do raciocínio:

A realidade, o lugar onde estamos, não pode ser visto enquanto estamos nele. É o processo de “primeiro ou de segundo grau” (que se dá por meio das imagens, da alusão, da trama) que nos permite ver onde estamos e quem somos. A metáfora, em sentido amplo, é o modo como captamos (e às vezes quase entendemos) o mundo e nosso desconcertante *self*. Quem sabe toda a literatura possa ser entendida como metáfora. (MANGUEL; 2009, p.55).

Se a literatura é capaz de nos instigar essas grandes reflexões, não seria diferente com a literatura infantojuvenil lobatiana. Pode-se afirmar sem receios que há nesta obra influências do clássico infantil *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll. Monteiro Lobato, inclusive, é um dos tradutores-adaptadores do texto para a língua portuguesa.

No livro de *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* também há uma diminuição do tamanho da personagem principal: a menina. Esse apequenamento funciona como uma espécie de passaporte para um outro mundo, um mundo irreal, fantasioso, onde prevalece o absurdo e o *nonsense*. Porém, esse cenário fabuloso adorna as verdadeiras reflexões e a linguagem que acompanha esse ornamento, munida de metáforas. Assim parece ocorrer no livro de Lobato. No País das Maravilhas, Alice se mostra muito confusa com a condição totalmente nova e inusitada com que se depara, e dialoga o tempo todo consigo mesma, de uma forma muito interessante, colocando até a sua própria identidade em questionamento:

Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu *era* a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afinal de contas quem sou eu?’ Ah, *este* é o grande enigma!. (CARROLL, 2009, p. 25).

Para consolidar o entrelaçamento entre as duas obras, o próprio Lobato tem o cuidado de citar o livro de Carroll em uma fala da Emília – a Alice de Lobato. A menina-boneca, quando percebe que mudou de tamanho, imediatamente faz a ponte entre a sua situação e a vivida por Alice (como numa citação-homenagem):

Eu é que diminuí. Fiquei pequeniníssima; e, como estou pequeníssima, todas as coisas me parecem tremendamente grandes. Aconteceu-me o que às vezes acontecia à Alice no País das Maravilhas. Ora ficava enorme a ponto de não caber em casas, ora ficava do tamanho dum mosquito. (LOBATO, 2007, p.13).

Visto isso, entende-se a importância do papel que Emília desempenha em sua maior reinação, desafiando a cognição e a imaginação de crianças, jovens e adultos. A proposta literária do autor condiz com sua postura enquanto intelectual atuante, utilizando-se da sua enorme capacidade criativa e linguística para realizar confrontos internos em todos os que o leem. Sempre impulsionando diálogos introspectivos e embates com alteridades diversas, brilhantemente aparatado com ferramentas linguísticas e estilísticas surpreendentes, Monteiro Lobato surpreende a todos em *A Chave do Tamanho*.

Conclusão

A literatura de Lobato é a combinação perfeita do conteúdo com a forma, a forma contribuindo perfeitamente para a veiculação da mensagem e da intenção autoral. A literatura já ocupa esse papel desconcertante, que nos faz olhar para dentro de nós mesmos, e para fora, para o outro, nos reconhecendo nele. Manguel deslinda essa nuance da literatura, tão bem executada no discurso lobatiano:

A literatura, como bem o sabemos, não oferece soluções – apresenta enigmas. É capaz, ao contar uma história, de desdobrar as convoluções infinitas e a íntima simplicidade de um problema moral, e de convencer-nos de que possuímos certa lucidez para adquirir não um entendimento universal, mas pessoal do mundo. (MANGUEL, 2009, p. 54).

Além da implicação social e política de suas obras, Lobato não perde de vista a característica lúdica, luminosa e estimulante da leitura de diversão, sobretudo em se consi-

derando que elege como público predileto a infância. Lobato não subestima os pequeninos e trata com eles de assuntos considerados sérios e adultos, respeitando sua capacidade de compreensão, empatia e entendimento. Ele transforma as experiências mais sérias em brincadeiras norteadas pelo conhecimento. Afinal, quer assunto mais adulto que a guerra? A diferença está em como ele trata o conteúdo. O livro em questão é mais um exemplo do vanguardismo da obra de Lobato, como bem explicita Reynaldo Alvarez:

Há uma homenagem à criança, em particular, e ao ser humano, de modo geral, no permanente deságio à inteligência e no estímulo à capacidade criadora implícitos na literatura infantil de Monteiro Lobato. O autor não faz pouco da mente infantil e de seu poder de percepção. (ALVAREZ, 1982, p.14).

Pode-se concluir que, nos livros infantojuvenis de Monteiro Lobato, “tamanho não é documento”. O maior nem sempre é o melhor, e no menor é possível encontrar índices de resgate de esperança e de futuro. Apesar dos acontecimentos, da dor e da consciência pesada que moveu o autor na época em que o livro foi escrito, podemos dizer que *A Chave do Tamanho* não é uma obra melancólica, embora não se furte a falar da morte, da perda de entes queridos, da orfandade, enfim; da desgraça da ignorância que transforma a criação pela ciência numa ciência para a destruição. A escrita de Lobato é, ainda e sempre, uma aposta nas crianças e no poder de renovação da humanidade, como é anunciado por esta criatura pós-humana, mutante e curiosa que é a Emília.

Referências

- ALVAREZ, Reinaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.
- CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CECCANTINI, João Luís; LAJOLO, Marisa (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre – Tomo 2*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- _____. *A Chave do Tamanho*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- _____. *A Reforma da Natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- MANGUEL, Alberto. *À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SANTOS, Elisângela da Silva. *Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato: um estudo de A Chave do Tamanho*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.